

A Bíblia profana de José Saramago

letrônica

João Evangelista do Nascimento Neto*

1 Ritos de Entrada

Se no princípio Deus era o senhor da palavra, na contemporaneidade o verbo fora apropriado por autores ‘malditos’, como José Saramago e, ao fazê-lo, reelaboraram-no contra o próprio ‘Criador’ do discurso. Ao utilizar o texto em defesa do homem, Saramago expõe a divindade à mesma homilia que esta proferiu ao longo das eras, libertando o ser humano do cárcere ideológico da religião, uma prisão sem muros, mas com os pesados grilhões da moral e da ética forjadas pelo cristianismo.

Este artigo, *verum in homine*, adentra no Santo dos Santos do santuário da teologia bíblica para visualizar o véu da religião sendo rasgado de alto a baixo pelo autor lusitano José Saramago. Ao criar a teologia literária saramaguiana, o autor subverte a divisão bíblica ao escrever primeiro *O evangelho segundo Jesus Cristo*, seu Novo Testamento para, só depois, publicar *Caim*, o Antigo Testamento, ou Testamento Final, que propõe, como herança, destruir a Deus em sua origem, ou seja, a partir do extermínio de seu criador, o Homem.

Tais discussões sobre a guerra entre os demiurgos, Homem e Deus, acercam-se de teóricos como Bloom (1992), Clastres (1990), Ferraz (1998, 2003), Hutcheon (1991), Le Goff (2010), Nogueira (2002), Santiago (2002), Tricca (1989, 1992, 1995, 2001), dentre outros, a fim de promover um diálogo a partir da inversão proposta por Saramago entre o começo e o fim, estabelecendo o Ômega como condição essencial para a existência do Alfa, e recomendar

* Mestre em Literatura e Diversidade Cultural pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), atualmente cursa o doutorado em Teoria da Literatura na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). É professor da área de Literatura da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e desenvolve pesquisas nas áreas de identidade cultural com enfoques nos diálogos entre Literatura e Cinema, Regionalidade e no campo das Africanidades.

a coroação do homem não como a primazia da criação divina, mas o criador da divindade daquela que, mais tarde, tornar-se-ia a maior religião do planeta.

Vêm à tona, nos textos saramaguianos, personagens amaldiçoados pela tradição cristã, como Caim, Maria Madalena e o Diabo alçando espaços outrora pertencentes a figuras centrais como Maria e José, pais terrenos de Jesus, e os patriarcas do povo hebreu, que são rejeitados pelo escritor. Mas nenhuma figura é tão duramente criticada e rechaçada por José Saramago quanto Javé.

Essa Via Profana pavimentada por Saramago é o caminho que leva o leitor a um novo Éden, criado e mantido por uma literatura contemporânea. Um paraíso permeado por imperfeições, por falhas, por medo, enfim, um espaço dominado pelo homem. Essa trilha percorrida pelo escritor é um convite a cada leitor não se desviar de seus receios, assumir-se ser humano e, nessa incompletude, ver-se belo, por ser uma criatura permanentemente em construção.

Eis a tônica desse estudo, perceber as relações entre Deus e o Homem, entre a Religião e a Racionalidade, entre o Cristianismo e o Humanismo, criadas por José Saramago em *Caim* e em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* através do olhar da metaficção historiográfica, não pelo distanciamento dos discursos religioso e literário, mas pelo entendimento que tais discursos se fundem.

2 Liturgia da Palavra

A maior arma da humanidade também é a maior arma divina: a palavra. È por meio dela que sociedades são constituídas. Através dela, guerras são instituídas e tratados de paz são firmados. Pelo *verbum*, o ser humano é convencido a seguir doutrinas, filosofias, ideologias. Mas nem todos podem falar, já que nem todos serão ouvidos. Falar é um ato de poder que antecede a força física:

Falar é antes de tudo deter o poder de falar. Ou, ainda, o exercício do poder assegura o domínio da palavra: só os senhores podem falar. Quanto aos súditos, estão submetidos ao silêncio do respeito, da veneração ou do terror. [...] Toda tomada de poder é também uma aquisição de palavra (CLASTRES, 1990, p. 106).

Para Chauí (1997), o discurso estabelece-se por um poder previamente constituído. Desse modo, não é qualquer um que pode falar e ser ouvido, depois de ouvido ter a fala respeitada, após o respeito, ser seguido. O “faça-se a luz”, do Gênesis, é, antes de qualquer coisa, a comprovação de que o ser que fala já goza do direito de falar para alguém, o que

inverte a ordem da criação divina. O homem teria que ser a primeira criação, antes mesmo da luz, e não no sexto dia, a fim de atentar para a organização hierárquica estabelecida por *Yalweh*, sua demonstração de poder ao gerar a vida. A pré-existência do homem simbolizaria o público para venerar a divindade e contemplar seus feitos.

Dostoiévski afirmou não saber se Deus havia criado o homem ou o homem a Deus. Essa dúvida Saramago não compartilha, já que crê na segunda opção e é por meio da metaficção historiográfica que defende sua tese, visto que tal texto

[...] é um empreendimento cultural contraditório, altamente envolvido naquilo que procura contestar. Ele usa e abusa das próprias estruturas e fatores que desaprova. A metaficção historiográfica, por exemplo, mantém a distinção de sua auto-representação formal e de seu contexto histórico, e ao fazê-lo problematiza a própria possibilidade de conhecimento histórico, porque aí não existe conciliação, não existe dialética – apenas uma contradição irresoluta (HUTCHEON, 1991, p. 142).

Na pós-modernidade, abre-se o leque de versões da história, aí inclusa a história bíblica. Não se aceitam mais verdades únicas. O conhecimento cristalizado é questionado, as resoluções eternas perdem tais caracteres e tudo pode ser arguido. No romance tradicional, é facilmente perceptível a distinção entre o certo e o errado, entre a verdade e a mentira. No texto contemporâneo, a História é mostrada ao leitor não no seu sentido singular, uno, mas no plural. O homem faz Histórias. Cada versão é válida em seu contexto. É por esse prisma que José Saramago escreve sua versão para os relatos bíblicos.

Agora, os textos são escritos por homens com inspiração humana, enquanto Deus é observado pelos olhos do ser humano, suas atitudes questionadas, suas palavras proferidas e seus atos punidos.

A revisitação do texto sagrado para os cristãos, mesmo na contemporaneidade, causa celeumas, visto que se trata de uma incursão literária pelo campo da fé, muitas vezes, cega, desprovida de parcos elementos racionais. Somente um discurso bem fundamentado para produzir uma crença coletiva e confiança nos mais esdrúxulos atos de uma divindade:

Se a história da religião é o processo de escolha de formas de adoração a partir de fábulas poética, no Ocidente essa história é ainda mais extravagante: ela é a adoração, em formas amplamente modificadas e revistas, de um personagem literário extraordinariamente inconstante e estranho, o *Yalweh* de J. (BLOOM, 1992, p. 24).

Cabe, então, ao narrador saramaguiano, transformar-se, segundo Ferraz (1998), no quinto evangelista em *O evangelho segundo Jesus Cristo*¹. Nessa obra, assim como nos

¹ A partir daqui, usar-se-á *OEJJC* para referir-se a tal obra.

evangelhos oficiais, o percurso de Cristo é apresentado ao leitor por um narrador que se arvora a contar os fatos da vida de Jesus, só que aqueles omitidos por seus colegas, os evangelistas oficiais:

[...] toda a história de Jesus que já conhecemos foi ali narrada, incluindo, até, certos pormenores que então não achamos que merecessem a pena, e muitos e muitos pensamentos que deixamos escapar, não porque Jesus no-los disfarçasse, mas simplesmente porque não podíamos, nós, evangelistas, estar em todo o lado (*OESJC*², 1991, p. 308).

O deslocamento da narrativa se dá, no entanto, pelo fato de o narrador saramaguiano, pós-moderno³, emitir sua opinião, elegendo seus personagens preferidos e condenando outros. Jesus Cristo continua sendo a protagonista da história de Saramago, mas sai de cena o Filho de Deus, quase sempre forte, decidido, eloquente, para dar lugar ao Filho do Homem⁴, frágil, imperfeito, relutante.

Em *Caim*, a narrativa do Pentateuco, atribuída a Moisés, é tomada de assalto por um narrador que expõe sua pouca amabilidade para com Deus. Os questionamentos contra os atos, tidos como estapafúrdios pelo protagonista do romance, também é compartilhado pelo narrador. Os dois alternam-se na ação de criticar cada episódio bíblico relatado. Caim trava uma luta dialógica com Javé; o narrador, com o leitor:

Antes de prosseguirmos com esta instrutiva e definitiva história de caim a que, com nunca visto atrevimento, metemos ombros, talvez seja aconselhável, para que o leitor não se veja confundido por segunda vez com anacrônicos pesos e medidas, introduzir algum critério na cronologia dos acontecimentos. Assim faremos, pois, começando por esclarecer alguma maliciosa dúvida por aí levantada sobre se adão ainda seria competente para fazer um filho aos cento e trinta anos (*CAIM*, 2009, p. 13).

Reler um texto bíblico não é invenção do autor lusitano. Desde a Idade Média, o teatro, em seus Milagres, Moralidades e Mistérios⁵, buscou reviver os episódios bíblicos com

² Por estar analisando duas obras saramaguianas, optou-se, nesse trabalho, por utilizar os títulos dos textos literários nas referências.

³ Segundo Santiago, “o narrador pós-moderno é o que transmite uma “sabedoria” que é decorrência da observação de uma vivência alheia a ele, visto que a ação que narra não foi tecida na substância viva da sua existência. Nesse sentido, ele é o puro ficcionista, pois tem de dar “autenticidade” a uma ação que, por não ter o respaldo da vivência, estaria desprovida de autenticidade. Esta advém da verossimilhança, que é produto da lógica interna do relato. O narrador pós-moderno sabe que o “real” e o “autêntico” são construções da linguagem” (2002, p. 46-47).

⁴ A expressão Filho do Homem é utilizada na Bíblia para relacionar Jesus Cristo com sua origem terrena, o que inclui ter pais humanos, associando-o também a sua missão de salvador da humanidade. Nesse artigo, a expressão é utilizada para evidenciar o pensamento de Saramago, ao afirmar ser Cristo fruto do pensamento humano, logo, um personagem que representa todas as qualidades e defeitos do ser humano.

⁵ Representações teatrais do Medievo. Os Milagres retratavam a vida dos santos, as Moralidades, textos mais abstratos, questionavam os comportamentos humanos e os Mistérios discutiam a fé do homem ao misturar temas religiosos com os profanos (BERTHOLD, 2008).

fins doutrinários, mas é na contemporaneidade que a sátira⁶ e a paródia⁷ firmam-se enquanto elementos desestruturadores do texto bíblico. O processo de descentramento do discurso religioso que perde, então, o seu teor sacro, num contínuo processo de “destemor” do homem frente às possíveis punições da divindade, fica perceptível na própria grafia em minúsculo dos nomes próprios, tornando-os comuns, vulgares, em estágio de igualdade. Desse modo, o leitor depara-se com deus, adão, caim, noé e os demais heróis bíblicos que perdem seu caráter divino, retornando ao *status* de igualdade na (des)criação do Javé saramaguiano.

Por prolepses⁸, em *OESJC*, as ações são apresentadas ao leitor para, em seguida, os fatos que o geraram tornarem-se de conhecimento público. Os episódios são a base para que outras intenções sejam desveladas na literatura saramaguiana, e tais intentos gerarão novos desfechos.

3 Liturgia Eucarística

E tomou o pão, deu graças, parti-o e deu-lhes, dizendo: Isto é o meu corpo, que por vós é dado; fazei isto em memória de mim.
Semelhantemente tomou o cálice, depois da ceia, dizendo: Este é o cálice da Nova Aliança no meu sangue derramado por vós (Lucas 22:19-20).

Um dos sete sacramentos do Catolicismo⁹, a eucaristia é a transubstanciação do corpo de Cristo. É o Filho de Deus tornado vivo e repartido entre os fiéis, num processo de antropofagia religiosa. Na eucaristia, o homem interage com a divindade, entra em contato com o divino e sente sua fé revitalizada. No momento da eucaristia, o Emanuel se faz presente, é o instante do “Deus conosco” que se pereniza na mente e nos corações dos homens.

A eucaristia é uma celebração cristã que remete ao sacrifício de Jesus Cristo em sua morte na cruz, como um cordeiro, para redimir os pecados humanos e livrá-los da morte. Mas também, pode ser lida como uma celebração que retorna ao processo de sacrifícios exigidos por Javé para remissão dos pecados dos hebreus, quando da entrega no Tabernáculo e, posteriormente, no Templo¹⁰, das primícias de cada homem para agradar à divindade.

⁶ Palavra utilizada com o sentido de crítica debochada a um texto.

⁷ Segundo Sant’anna (2007), a paródia é um jogo intertextual que se aproxima do burlesco.

⁸ Segundo Gérard Genette (apud FERRAZ, 1998, p. 53), prolepse consiste na apropriação de um ato posterior para, em seguida, remetê-lo aos anteriores que o geraram.

⁹ Os sacramentos são gestos divinos estabelecidos por Cristo. Os protestantes reconhecem dois: o batismo e a santa ceia. A Igreja Católica, além desses, possui a crisma, a confissão, a ordem sacerdotal, o matrimônio e a unção dos enfermos.

¹⁰ O Tabernáculo era um local móvel de celebração, usado pelos hebreus durante sua jornada pelo deserto após sua saída do Egito. O Templo foi construído pelo Rei Salomão após os hebreus terem tomado posse da terra prometida.

Esse momento eucarístico sempre fora reservado ao homem, ao macho. Só o homem poderia levar suas ofertas, só os animais machos poderiam ser ofertados. Às mulheres era vetado o privilégio de estar diante de Javé, condição questionada por José Saramago em seus textos, quando as convida para, não apenas fazerem parte da celebração, mas serem as protagonistas desta, com papel preponderante no estabelecimento do homem na terra, na criação do cristianismo e em sua manutenção.

A Bíblia esconde as mulheres, subjuga-as a segundo plano. Mesmo no Novo Testamento, elas ainda não podem falar. Seguir a Cristo já é uma grande concessão apregoada como valorização ao “sexo frágil”. Em Saramago, as mulheres são fortes, são sábias. Maria de Magdala e Lilith proferem conselhos, transpiram filosofias, encarnam a coragem esperada aos homens, aos heróis bíblicos. Para o autor, Deus esconde as mulheres sob o véu da inferioridade, debaixo do manto da incapacidade, por serem elas tão sábias que poderiam arguir o poder divino, protestar a importância da sua existência.

Lilith iniciou esse caminho, quando não se subjugou a Adão e, ao manter sua voz altiva, questionando o companheiro, fizera-o ao próprio Javé. Sua punição: ser banida do Paraíso, ser considerada um demônio que se acerca dos cristãos, para afastá-los de Deus. Habita o inferno que, metaforicamente, significa estar distante da presença divina: “Quem é, perguntou caim, É lilith, a dona do palácio e da cidade, oxalá não ponha os olhos em ti, oxalá, Porquê, Contam-se coisas, Que coisas, Diz-se que é bruxa, capaz de endoidecer um homem com os seus feitiços” (CAIM, 2009, p. 51).

Eva tentou dar continuidade à tarefa de Lilith, mas recuou no episódio da árvore proibida do Éden, meneou a cabeça ao ser flagrada desobedecendo às ordens divinas. Passou para a História como o símbolo da perdição humana, protótipo de insubmissa arrependida após sentir dor no ato da concepção como punição de Deus ao ser expulsa do paraíso.

Maria, mãe de Jesus, a maior de todas as mulheres para o cristianismo, a bem-aventurada, não é benquista por José Saramago. Considerada pela Igreja como a segunda Eva, por quem a primeira seria redimida, Maria é o símbolo de abnegação e sujeição, modelo a ser seguido por todas as mulheres. No texto do autor lusitano, no entanto, é recriminada por sua passividade e sua autoridade é questionada pelo próprio Jesus, que não demonstra intimidade ou confiança, elegendo Maria Madalena como sua cúmplice.

Lilith, Eva e Maria, três mulheres-símbolo para Saramago. A primeira tornara-se rainha, senhora de um reino sem a presença de Deus; a segunda, a mãe da humanidade; a última, a redentora dessa mesma humanidade julgada e condenada à morte por Javé. Lilith é cônica de sua força, não reprime seus desejos, impõe suas vontades, testa a si mesma a cada

situação. Eva, ao contrário, aguarda os desígnios de Deus e do homem, seu senhor Adão, já que são estes que devem estabelecer seu proceder, seu sentir. Maria é submissa, passiva diante das imposições de Javé. Não reluta, não questiona, tão-somente aceita e cumpre as ordens celestiais.

Tal submissão é a causa de uma humanidade desigual, de homens e mulheres em lados opostos, como o opressor e o oprimido, imagem da relação entre Deus e o humano. Contudo, o exemplo de Lilith ainda se faz ouvir. Ecoou em Maria de Magdala, quando da sua influência sobre o Cristo, já que “[...] é Madalena quem, livre de qualquer culpa, não apenas rouba o sagrado, mas ordena o sagrado. É o autor quem elege o feminino para revelar as faces de Deus em sua obra” (FERRAZ, 2003, p. 162), propiciando que outras vozes dissonantes percorram espaços distintos em diferentes tempos.

Madalena, ou Maria Madalena, é descrita na Bíblia como uma das várias mulheres que acompanhavam Jesus Cristo em seus três anos de ministério:

Depois disto andava Jesus de cidade em cidade e de aldeia em aldeia, pregando e anunciando o evangelho do reino de Deus. Os doze iam com ele, e também algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e de enfermidades: Maria, chamada Madalena, da qual saíram sete demônios (Lucas 8: 1-2).

Maria recebe a alcunha de Madalena por ser de Magdala, pequena aldeia da Galileia. Ela estivera com Cristo na peregrinação do filho de Deus, também durante a crucificação e foi para ela e outras mulheres que Jesus apareceu logo após a ressurreição. Tanto privilégio não passa imperceptível diante dos olhos de alguns teólogos, que afirmam Maria de Magdala ter sido esposa de Cristo, cuja união gerou filhos e filhas. Defendem ainda que Maria fora apóstola de Cristo, e não somente uma seguidora: “[...] a companheira [de Cristo é Maria] Madalena. [O Senhor amava Maria] mais do que a todos os discípulos [e] a beijou na [boca] repetidas] vezes.” (Evangelho de Felipe, in: TRICCA, 1992, p. 188).

Maria de Magdala, ao lado do Pastor-Diabo, é a grande personagem de *OESJC*. Deixa de ser uma seguidora sem voz, para passar a grande conselheira de Cristo, além de sua companheira, numa influência direta dos evangelhos apócrifos na obra saramaguiana.

Alguns estudiosos aproximam a figura de Madalena à mulher adúltera que fora livre do apedrejamento por Cristo no clássico episódio da pedra não lançada por todos serem pecadores. Mesmo sem as certezas históricas e sendo refutado pela Bíblia, Saramago une as duas mulheres em seu romance:

A mulher reapareceu [...] Jesus via-a aproximar-se, mas, se os olhos o não estavam enganando, ela vinha muito devagar, como acontece às vezes nos sonhos, a túnica movia-se, ondulava, modelando ao andar o balanço rítmico das coxas, e os cabelos pretos da mulher, soltos, dançavam-lhe sobre os ombros como o vento faz às espigas da seara. Não havia dúvida, a túnica, mesmo para um leigo, era de prostituta, o corpo de bailarina, o riso de mulher leviana (*OESJC*, 1991, p. 279).

A partir desse primeiro encontro entre Maria e Jesus, narrado em câmera lenta, percebe-se o interesse sexual da personagem pela mulher, descrita como um ser sensual, que desperta os desejos do Cristo virgem. A relação intensifica-se e o Cristo da tradição bíblica, acostumado a guiar os homens a Deus, no texto literário é guiado por Madalena por outros caminhos, as trilhas do prazer terreno, desconhecido por ele, que, sabedor de todas as coisas, ignorava a saciedade do corpo, o gozo sexual.

O Jesus saramaguiano é um humano que tenta fugir de seu destino divino, um semideus que não aceita sua condição de mártir. Enquanto protagonista da cena bíblica, Cristo é a descrição de um herói trágico, cuja incumbência é, sem ter cometido erro algum, padecer pelos pecadores, a saber, toda a humanidade, a de sua época e a vindoura:

Cristo reúne em si, como um “híbrido”, o alto da divindade com o baixo da humanidade. Ele tem o seu apogeu no momento em que é mais degradado: na Paixão. [...] Ainda que dentro da cultura cristã pareça estranha a ousadia de pensar Cristo como um personagem literário e a *Bíblia* como literatura, Jesus Cristo é uma esplêndida encarnação de herói trágico, numa perfeita elaboração dialética (KOTHE, 1987, p.34).

Em *OESJC*, a união carnal de Jesus é também espiritual com Maria de Magdala. É ela, a mulher, tida como inferior, sem conhecimento, quem ensina a Jesus. Seu Sermão do Prazer, diferente do Sermão da Montanha, é pautado por amor, delicadeza, respeito, em vez de dor, choro e sofrimento:

[...] Maria de Magdala apareceu, nua. Nu estava também Jesus, como ela o deixara [...] És belo, mas para seres perfeito, tens de abrir os olhos. [...] Maria se deitou ao lado dele, e, tomando-lhe as mãos, puxando-as para si, as fez passar, lentamente, por todo o seu corpo, os cabelos e o rosto, o pescoço, os ombros, os seios, que docemente comprimiu, o ventre, o umbigo, o púbis, onde se demorou, a enredar e a desenredar os dedos, o redondo das coxas macias, e, enquanto isto fazia, ia dizendo em voz baixa, quase num sussurro, Aprende, aprende o meu corpo (*OESJC*, 1991, p. 282).

Saramago questiona a onisciência de um Deus que não conhece o impulso sexual, mas o condena desde a criação do mundo. A utilização do sexo por procriação retira da libido sua função de prazer, seu caráter humano, a busca primária por satisfação. É com Maria de Magdala que Jesus torna-se um homem completo, um indivíduo em aprendizado do que é ser

humano. O conhecimento divino ainda é uma incógnita, os desígnios de Deus, incompreensíveis, por só interessarem a este, mas a satisfação sexual é o instante de plenitude do homem, a sua verdadeira religião:

Aprende o teu corpo, e ele aí o tinha, o seu corpo, tenso, duro, erecto, e sobre ele estava, nua e magnífica. Maria de Magdala, que dizia, Calma, não te preocupes, não te movas, deixa que eu trate de ti, então senti que uma parte do seu corpo, essa, se sumira no corpo dela, que um anel de fogo o rodeava, indo e vindo, que um estremecimento o sacudia por dentro, como um peixe agitando-se, e que de súbito se escapava gritando, impossível, não pode ser, os peixes não gritam, ele, sim, era ele quem gritava, ao mesmo tempo que Maria, gemendo, deixava descair o seu corpo sobre o dele, indo beber-lhe da boca o grito, num sôfrego e ansioso beijo que desencadeou no corpo de Jesus um segundo e interminável frêmito (*OESJC*, 1991, p. 283).

Em Magdala, na pequena vila da Galileia, Jesus termina seu aprendizado iniciado pelo Diabo. A teoria, ensinada pelo eloquente Pastor, aliada à prática da vida cotidiana de Maria, impele o Cristo à escolha por ser homem, simplesmente mais um indivíduo, mas com direito a viver, a gozar, a morrer em sua velhice. Ensinamentos de uma mulher simples, pobre, prostituta, mas consciente de sua condição de ser humano.

Este é o rito eucarístico proposto por José Saramago. Contrariando a proposta clássica religiosa, Deus é substituído por mulheres, como Lilith e Maria de Magdala, que alçam voos não permitidos pela tradição cristã. Antes, relegadas ao interior da casa e à satisfação da vontade do homem, seu pai ou esposo, agora é a senhora de seus pensamentos, dona de seu discurso. Aí está, para o escritor, a maior eucaristia, o ser humano conhecer a si mesmo, um autoconhecimento que gera uma busca diária de compreensão, questionamentos, descobertas. Isso só se dará por um processo contínuo de alimentação de si mesmo e do Outro, na construção de uma sociedade em busca de igualdade, à procura de sobrevivência, à cata de respeito.

4 Ritos de comunhão

Koinonia (κοινωνία) é uma palavra grega que significa comunhão, ou seja, participação, cooperação, intimidade. A *koinonia* estabelece um vínculo ente os fiéis. Após o instante de celebração eucarística, quando há uma relação vertical, ligando terra aos céus, enfim, o homem a Deus, agora é a hora e a vez da relação horizontal, ou seja, entre os

homens. Desse modo cumpre-se a simbologia da cruz, com seus paus que interligam o ser humano à divindade e o homem aos seus semelhantes.

Nos textos saramaguianos, todas as direções da cruz apontam para o ser humano e rejeitam a divindade. Em *Caim*, o autor rejeita a tese da onisciência de Javé, que é informado pelo homem dos acontecimentos. Em *OESJC*, Javé pretende transmutar-se em Deus. Deixar de ser o senhor de uma nação para ser a divindade de todo o mundo, mas tal intenção é desbaratada por Saramago, já que, seguindo a ideia de imutabilidade de Deus, não há como deixar de ser o Javé tirano do Velho Testamento para o Deus bondoso da cristandade. A figura de Jesus Cristo é importante para estabelecer essa ligação entre o velho e o novo, promover uma transformação no *ethos* divino: “[...] o peso fundamental do cristianismo, exercendo sua influência ao longo de toda a Idade Média, é que o Deus do cristianismo se encarnou, se fez homem. A pessoa do Deus homem, Jesus, viveu entre os homens como um irmão” (LE GOFF, 2010, p. 26).

Todavia, o Cristo saramaguiano não pretende assumir tal responsabilidade, grande demais para qualquer homem. Jesus não estava morrendo pela humanidade, mas pela simples vontade de Deus. O ato de morrer crucificado não é motivo de orgulho, não há sucesso em ressuscitar também. Basta uma vida de sofrimento, uma jornada de dor.

Daí o jogo da inversão paródica realizado por Saramago também com as personagens masculinas. Caim, os patriarcas, Deus, Jesus, José e o Pastor-Diabo têm sua trajetória revista pelo escritor.

José, o pai de Jesus, possui pouca projeção nos evangelhos canônicos. Não se sabe, inclusive, quando e como morreu. Bem como pouco se sabe da infância de Jesus, já que os textos oficiais possuem a finalidade de revelar o período do ministério de Cristo, os seus últimos anos de vida. José, no entanto, fica estigmatizado pela sua fuga do Egito a fim de proteger a vida de seu filho da ira de Herodes, que promove uma matança de recém-nascidos na Judeia, região habitada pelos judeus e dominada pelo Império Romano. O pequeno Jesus salva-se, mas o mesmo não ocorre com as outras crianças, cujos pais não detinham a informação privilegiada recebida por José¹¹.

O pai terreno de Jesus, em *OESJC*, sofre durante toda sua vida com pesadelos, sentindo-se culpado pelo infanticídio causado por Herodes. Sua fraqueza, ao tomar atitudes, fazem-no mais uma marionete, como sua esposa, nas mãos de Javé, que poderia dispor de qualquer ser humano para seus propósitos, mas escolhe os mais mansos, aqueles que menos

¹¹ No apócrifo *A História de José o Carpinteiro*, a figura do pai de Jesus é exaltada, transformando-se em herói (In: TRICCA, 1989).

relutariam. O narrador ainda explicita sua pouca habilidade com o ofício de marcenaria e põe fim a sua vida de forma pouco heroica, já que é crucificado por engano, ao ser confundido com um marginal, sendo mal visto por Jesus por sua covardia.

Caim¹², conhecido como o primeiro suicida da humanidade, amaldiçoado por Deus, é o responsável pelo questionamento dos atos divinos impostos aos Pais dos hebreus. Evidenciados por suas fraquezas, aqui essa dependência a Jeová fazem-nos cometer insanos atos aos olhos humanos. Matar o único filho (Abraão e Isaque), oferecer as filhas para serem estupradas (Ló em Sodoma), matar crianças inocentes (destruição de Sodoma), destruir a família de Jó por uma aposta com o Diabo, são exemplos questionados por Caim¹³ a Deus que não encontra resposta para dar ao homem, senão que o faz ao seu bel prazer, por ser ele Deus e senhor de todas as coisas, em suma, num uso abusivo do poder por meio da força.

Em *OESJC*, o Javé que quer ser Deus continua a fazer uso da força, para obrigar Jesus Cristo, filho natural de José e Maria, a assumir-se Filho de Deus. Enquanto filho, deveria obediência ao pai, devendo cumprir-lhe todas as vontades. Cada um dos trinta e um milagres de Cristo registrados na Bíblia possui a finalidade de visibilizar a Deus. No texto do autor lusitano, esse número cai para trinta, já que a ressurreição de Lázaro fora evitada.

O episódio de Lázaro, em *OESJC*, equivale ao de Noé, em *Caim*. A morte é evocada como forma de punir a Deus por seus desmandos e como maneira eficaz de neutralizar seus planos. O homem só serve a Javé vivo, para realizar seus propósitos e servir-lhe de glória ou morto em prol desses mesmos intentos. É pelo martírio humano que Deus se fortalece e estabelece seu poder aos povos da Terra. O fim do homem é também a sua liberdade das amarras de uma religiosidade que, independentemente de sua escolha pessoal, não há como fugir de seus efeitos.

Em *OESJC*, é Maria de Magdala quem impede Cristo de ressuscitar Lázaro e, desse modo, antepara também a Deus de exercitar seu orgulho:

[...] só falta que Jesus, olhando o corpo abandonado pela alma, estenda para ele os braços como o caminho por onde ele há-de regressar, e diga, Lázaro, levanta-te, e Lázaro levantar-se-á porque Deus o quis, mas é neste instante, em verdade último e derradeiro, que Maria de Magdala põe uma mão no ombro de Jesus e diz, Ninguém na vida teve tantos pecados que mereça morrer duas vezes, então Jesus deixou cair os braços e saiu para chorar (1991, p. 428).

¹² No apócrifo *Livro de Adão e Eva: o conflito de Adão e Eva com Satã*, a história de Caim é revelada em muitos detalhes, quando o narrador esforça-se para associar a imagem do personagem com a de um homicida em potencial. No texto, Caim possui má índole. Tal escrito justifica a maldição de Javé sobre o primogênito de Adão e Eva (In: TRICCA, 1992)

¹³ A história da criação do mundo, incluindo o primeiro homicídio, está presente em Gênesis, na Bíblia, bem como no apócrifo *Caverna dos Tesouros* (In: TRICCA, 1995), texto que leva o nome do lugar para onde Adão e Eva foram morar quando expulsos do paraíso e onde Caim, personagem de Saramago, também reside com sua família.

Em *Caim*, esse é o último encontro com um patriarca hebreu. É através de Noé que o filho amaldiçoado de Adão e Eva vence a Deus na batalha iniciada após a morte de Abel. Deus, a mais perfeita criação humana, ganhou vida própria, a criatura sobrepujou o criador. Vencer a criatura só é possível, para Caim, destruindo quem a criou, por isso, seu plano de destruir a família hebreia incumbida de repovoar o planeta pós-dilúvio. E, assim, um após um, os membros da família de Noé, aqueles que podem gerar filhos, vão sucumbindo:

[...] deus chamou, Noé, noé, por que não sais. Vindo do escuro interior da barca, caim apareceu no limiar da grande porta, Onde estão noé e os seus, perguntou o senhor, Por aí, mortos, respondeu caim, Mortos, como, mortos, porquê, Menos noé, que se afogou por sua livre espontânea vontade, aos outros matei-os eu [...] (*CAIM*, 2009, p. 172).

O fim de Deus é o fim do homem. O extermínio do crédulo, a inexistência do escravo voluntário da religião é também o fim de um deus egoísta, que só pensa em sua própria glória e em seu poder: “A história acabou, não haverá nada mais que contar.” (*ibidem*, p. 172).

Na verdade, haverá sempre o que contar, contrariando o desejo do narrador de *Caim*. A ideia de Deus é tão forte, logo indissociável do homem. Se exterminar Deus é exterminar o homem, Deus continuará a existir, pois o homem sempre se negará a extinguir-se. O que se vê em *Caim* é uma alegoria de um mundo ideal, o projeto de uma existência em que o homem toma de volta a sua vida, deixada nas mãos de Jeová, um deus, dentre muitos, mas que quis ser o único ou o mais importante dentre todos os outros e que viu sua imagem ser estabelecida ao longo dos tempos:

[...] foi um símbolo, e não uma figura humana completa, que por longo tempo representou Deus Pai. É a imagem da mão que sai das nuvens. Essa mão define a um só tempo a natureza e a função reconhecidas do Deus feudal. É uma função de comando, trata-se de uma mão que ordena; é uma função de punição, trata-se de uma mão que pune; e é uma função de proteção, trata-se de uma mão que protege (*LE GOFF*, 2010, p. 71).

Deus, pois, continuará a exercer sua popularidade, a demonstrar seu poder e experimentar a sua vontade por meio dos sacrifícios humanos. Assim o fez nos primórdios dos tempos, na criação do mundo, durante as grandes guerras, por entre as grandes fomes, pelo alastramento de pestes mortais, e ainda o fará pela eternidade de sua existência, o que se dará enquanto o homem for dependente da religiosidade.

Yalweh é o deus dos hebreus. O Deus do cristianismo tem sua imagem estabelecida na medievalidade. Nesse período, a cúpula do cristianismo, estabelecida em Roma, reúne-se em concílios e reescreve a trajetória dos principais heróis bíblicos, Deus, Jesus, Maria e Lúcifer.

Deus é transformado em juiz, implacável diante dos erros humanos. O caráter de protetor é destinado a Jesus, pelo seu martírio. Maria é a conciliadora entre os homens e a divindade e o Diabo, o algoz, o terror, o mal materializado em um ser amedrontador. Deus sai de cena e será fundido à figura de Jesus após sua ressurreição. A tríade escolástica, Maria – Jesus – Satanás é ressaltada, mas o embate religioso passa a ser, então, entre Jesus e o Diabo, numa

Metáfora jurídica que vai persistir ao longo de toda a Bíblia, segundo a qual a vida humana está em julgamento, com promotores e defensores. Nesta metáfora Jesus é o líder da defesa; o acusador chefe é Satã, o “diabolôs”, uma palavra da qual deriva a nossa “diabo”, e que originalmente guardava o sentido de uma pessoa oposta a outra, num processo legal (FRYE, 2004, p. 140).

Conforme Eco (2007), a imagem de Satanás cresce e com ela a demonização do inimigo. O Outro, o homem passa a ser visto como o inimigo do ser humano seguinte. Essa percepção é endossada por Saramago que vê no homem o algoz de si mesmo. São as estruturas sociais criadas pela humanidade, o governo e a religião, a principal causa de seus problemas.

Em *Caim*, Lúcifer é uma figura quase imperceptível, com reduzida ação. É Javé o autor dos atos recriminatórios do Antigo Testamento. Mas o próprio Anjo caído também faz parte dos planos divinos. Mesmo sua rebelião, no céu, é planejada para que Deus subjugu o homem, pelo amor ou pelo medo:

Lúcifer sabia bem o que fazia quando se rebelou contra deus, há quem diga que o fez por inveja e não é certo, o que ele conhecia era a maligna natureza do sujeito. [...] Deus nunca poderia ser mau ou não seria deus, para mau temos o diabo, O que não pode ser bom é um deus que dá ordem a um pai para que mate e queime na fogueira o seu próprio filho só para provar a sua fé, isso nem o mais maligno dos demônios o mandaria fazer [...] (2010, p.101; 129).

Enquanto a imagem do Diabo¹⁴ é associada a animais e a cheiros fétidos, o semblante de Jesus é suavizado, para aproximá-lo dos fiéis. Tal imagem de Cristo está na literatura apócrifa conhecida como *Ciclo de Pilatos* (In: TRICCA, 1992), argumento claramente escrito para angariar mais fiéis à causa cristã.

Se é na Idade Média que se dá a “antropomorfização” de Deus, o mesmo ocorre com Lúcifer, descaracterizado de sua função de anjo para ceder aos propósitos celestiais. Saramago absolve Satanás da função de acusador do homem e transforma-o em brinquedo nas

¹⁴ Segundo Nogueira, “O grande modelo que influenciou toda uma iconografia diabólica foram as clássicas imagens de Pã e dos sátiros: criaturas meio homem, meio bode, com chifres, cascos partidos, olhos oblíquos e orelhas pontiagudas. A essa combinação a imaginação cristã acrescenta um ingrediente essencial: as asas de um anjo. Contudo, como se tratava de anjos caídos, as asas não poderiam ser de um pássaro que voa à luz do dia, e sim as de um morcego, que ama as trevas e, de um modo absolutamente diabólico, vive de cabeça para baixo” (2002, p. 67).

mãos de Deus, bem como o homem. *OESJC* reafirma a imagem de crueldade divina de *Caim*, bem como a sujeição de Satanás aos planos de Javé.

Lúcifer, em *OESJC*, assume a função de redentor da humanidade, ao barganhar a salvação da humanidade e a liberação de Jesus da morte de cruz por seu retorno as suas antigas funções nos céus. Nesse instante, o Diabo demonstra uma compaixão que falta a Javé, possivelmente adquirida pela sua longa estada ao lado do homem, coexistindo com este:

Quero hoje fazer bom uso do coração que tenho, aceito e quero que o teu poder se alargue a todos os extremos da terra, sem que tenha de morrer tanta gente, e pois que de tudo aquilo que te desobedece e nega, dizes tu que é fruto do Mal que eu sou e ando a governar no mundo, a minha proposta é que tornes a receber-me no teu céu, [...] teu filho não precisará morrer, o teu reino será, não apenas esta terra de hebreus, mas o mundo inteiro [...] (1991, p. 392).

Se, ao longo do enredo, é o Diabo que ensina a Jesus como proceder dentro de um pseudolivre-arbítrio atribuído ao homem por Deus, no diálogo dentro do barco com Javé e Jesus, aquele evidencia que essa sapiência é fruto do exercício do aprendizado com o homem. Deus é quem surge como a expressão do Mal, implacável em suas atitudes e inegociável em suas decisões:

Não te aceito, não te perdo, quero-te como és, e, se possível, ainda pior do que és agora [...] Porque este Bem que eu sou não existiria sem esse Mal que tu és, um Bem que tivesse de existir sem ti seria inconcebível, a um tal ponto que nem eu posso imaginá-lo, enfim se tu acabas, eu acabo, para que eu seja o Bem, é necessário que tu continues a ser o Mal, se o Diabo não vive com o Diabo, Deus não vive como Deus, a morte de um seria a morte do outro. (*OESJC*, 1991, p. 392,393).

Ao homem é vedado tentar a Deus, mas o Diabo, um anjo, assume o papel de fazê-lo, para “Que não se diga que o Diabo não tentou um dia a Deus” (*ibidem*, p.393). Em vão se dá a tentação, Deus já está ciente de que muitos precisam morrer em prol de sua glória, outros serão torturados, alguns envergonhados, humilhados, mas não importa, pois tudo vale a pena a fim de assegurar seu lugar de primazia no rol dos deuses. Para isso, tais sofrimentos precisam ocorrer periodicamente para a manutenção desse *staus quo*, daí a relação de mártires citada no texto saramaguiano, que parte da igreja primitiva e expande-se pelos séculos que se seguem.

Ainda, cabe ressaltar a lembrança a Fernando Pessoa, quando o narrador credita ao poeta lusitano a origem da heteronímia de Deus, visto que Javé repartiu-se em três: Pai, Filho e Espírito Santo, cada um com uma história díspar, linguagem própria e funções distintas, mas, ao mesmo tempo, são um só, já que “Talvez este Deus e o que há-de vir não sejam mais do que heterónimos [...] De Pessoa [...] (p. 389). Novamente, Saramago reitera sua crença de

ser a criação de Deus fruto do imaginário humano, não um homem qualquer, mas só um gênio seria capaz de materializar tantas ideias mirabolantes, tantos episódios inverossímeis, em uma crença abraçada mundialmente, e, em especial, no Ocidente.

5 Ritos de Despedida

José Saramago, ateu confesso, materialista convicto, escreveu *OESJC* e *Caim*, dois textos de temática cristã. Ao fazê-lo, assumiu que não conseguiu desvencilhar-se de uma ideologia tão forte na história da humanidade.

Chamado de herege por muitos, amaldiçoado pela Igreja, amado por tantos outros, o autor elaborou textos que se propunham, antes de qualquer coisa, a dialogar com o leitor acerca da viabilidade da existência da divindade no mundo contemporâneo. Mas seu texto choca muitos leitores, por revelar os meandros do cristianismo, providencialmente esquecidos pelos pais da Igreja. Assusta por comprovar a existência de tanto sangue inocente nas mãos de Javé. Espanta por apregoar ser possível uma vida humana sem a presença de um Deus governando-lhe o acordar e o dormir, o levantar e o deitar, o comer e o jejuar.

O texto bíblico do *Livro de Provérbios* afirma que há um período para todo e qualquer propósito sonhado pelo homem. Saramago só reclama para si o direito de sonhar por um tempo sem Deus, já que o homem viveu o tempo da dependência a Jeová. Viável? Afirma o autor que sim, ao relatar, em *Caim*, um reino sem a presença de Deus, como tantos outros existentes na antiguidade, e com múltiplas divindades, todas menos cruéis que Javé.

No final de *Caim*, o autor não extingue a humanidade por completo, ele mata apenas os crédulos, assassina os fiéis de um Deus homicida. Os outros povos são poupados por Caim. É destes agora, dos infiéis, o mundo.

Em *OESJC*, *Yalweh* não foge da crítica do autor, A imutabilidade divina não é vista como uma virtude. Aquele que não tem a capacidade de mudar não cresce, não evolui, não enxerga os próprios erros, não conserta suas falhas. Por isso é mais fácil para Javé dar tal função como herança a Cristo, mas o Jesus saramaguiano é fraco, sem o poder da retórica, vencido por Deus, calado pelo Diabo, ensinado por Maria de Magdala.

Com tudo isto, o homem é o personagem principal dos textos de Saramago. É a história do ser humano que o autor está relatando ao traçar a narrativa bíblica, é também seu futuro com o que se preocupa. Venâncio (2000) afirma que os evangelhos são palavras de homens, constituem-se em literatura humana, mesmo que “inspirada” por Deus. Saramago, crendo nisto, apresenta à humanidade sua Bíblia, não sagrada por revelar o Javé mítico, mas

pela beleza de evidenciar um Jesus profano, que se reconhece humano, e, por isso mesmo, tão especial. Uma Bíblia que inverte a ordem, que subverte o começo pelo final, numa clara tentativa de questionar o que é o início e o fim, e numa alusão ao fato de que, em literatura, o futuro, muitas vezes, influencia o passado.

José Saramago é dono de uma literatura que pode ser questionada teologicamente, mas é respeitada por sua literariedade. Sobretudo, uma literatura que deve ser lida por todas as crenças, respeitada por todos os credos, enfim por todos aqueles que defendem o respeito à diversidade de pensamento, à dessemelhança de ações, por todos os que amem a humanidade e se preocupem com ela, como o próprio Saramago.

Referências

- BERTHOLD, Margot. *História Mundial do Teatro*. Trad. Maria Paula v. Zurawski, J. Guinsburg, Sérgio Coelho e Clóvis Garcia. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- BÍBLIA DE REFERÊNCIA THOMPSON*. Antigo e Novo Testamento. Trad. João Ferreira de Almeida. Flórida – E.U.A.: Vida, 1993.
- BLOOM, Harold. *O livro de J*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- CHAUÍ, Marilena. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o estado*. Trad. Theo Santiago, 5. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
- ECO, Umberto (Org.). *História da feiúra*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- FERRAZ, Salma. *As faces de deus na obra de um ateu – José Saramago*. Juiz de Fora: UFJF; Blumenau: Edifurb, 2003.
- FERRAZ, Salma. *O quinto evangelista: o (des)evangelho segundo José Saramago*. Brasília: EDUNB, 1998.
- FRYE, Northop. *O código dos códigos. A Bíblia e a Literatura*. Trad. Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.
- HUTCHEON, Linda. *Poéticas do Pós-Modernismo: história, teoria e ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- KOTHE, Flávio R. *O herói*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2000.
- LE GOFF, Jacques. *O Deus da idade Média: conversas com Jean-Luc Pouthier*. Trad. De Marcos de Castro. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. *O Diabo no imaginário cristão*. 2. ed. Bauru: SP EDUSC, 2002.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Paródia, paráfrase & cia*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

SANTIAGO, Silviano. O narrador pós-moderno. In: *Nas malhas da letra: ensaios*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

SARAMAGO, José. *Caim*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SARAMAGO, José. *O evangelho segundo Jesus Cristo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

TRICCA, Maria Helena de Oliveira (Org.). *Apócrifos: os proscritos da Bíblia*. São Paulo: Mercury, 1989.

TRICCA, Maria Helena de Oliveira (Org.). *Apócrifos II: os proscritos da Bíblia*. São Paulo: Mercury, 1991.

TRICCA, Maria Helena de Oliveira (Org.). *Apócrifos III: os proscritos da Bíblia*. São Paulo: Mercury, 1995.

TRICCA, Maria Helena de Oliveira (Org.). *Apócrifos IV: os proscritos da Bíblia*. São Paulo: Mercury, 2001.

VENÂNCIO, Fernando. *José Saramago: a luz e o sombreado*. Porto: Campo das Letras, 2000.

www.pt.wikipedia.org/wiki/Sacramentos. Acesso em 15/01/2012, às 15 h.

Recebido em fevereiro de 2012.

Aceito em abril de 2012.

Contato: netoevangelista@uol.com.br